

Welcome Address – Cimeira das Democracias (Open Day)

5 de Junho de 2020

Senhora Reitora da Universidade Católica Portuguesa, Professora Isabel Gil,

Senhor Director do Gabinete do Parlamento Europeu em Portugal, Dr. Pedro Valente da Silva,

Senhora Professora Mónica Dias, Directora do Open Day e do Programa de Doutoramento do IEP-UCP,

Senhor Professor Orlando Samões, Director da Licenciatura do IEP-UCP, e Co-Director da Cimeira das Democracias.

Senhor Presidente da Associação Académica do IEP-UCP, Senhor João Bule,

Senhores Embaixadores,

Senhores Professores,

Caros Alunos,

Minhas senhoras e meus senhores,

Em nome do IEP-UCP, gostaria de dar as boas vindas a todos e agradecer a vossa presença no Open Day do IEP – A Cimeira das Democracias.

Voltarei a estar convosco mais logo, na ‘Aula Aberta’ e por isso não gostaria de abusar da vossa amável atenção.

Apenas gostaria de dizer que não é por acaso que o Open Day do IEP constitui uma simulação de uma Cimeira das Democracias.

No IEP, nós orgulhamo-nos de pertencer à Civilização Ocidental que deu origem aos ideais e à realidade democrática do que hoje justamente chamamos Mundo Livre.

Orgulhamo-nos por isso de convidar alunos e professores das escolas do ensino secundário a virem debater connosco – e não apenas a ouvir o que temos para vos dizer. Aqui, no IEP, todos temos voz, não apenas alguns – e todos somos educados numa atmosfera de conversação aberta, informada e

civilizada. Ouvimo-nos uns aos outros – e também discordamos uns dos outros. E continuamos a conversar!

Por isso também, não gostamos dos antagonismos tribais que hoje começam a reaparecer na praça pública entre dicotomias extremistas opostas. Isso em boa parte explica o título da nossa Cimeira deste ano — **“A Aliança Transatlântica e os Desafios à Democracia”** — que aliás foi também o tema do nosso Estoril Political Forum de Junho do ano passado.

Por isso também, temos orgulho na democracia portuguesa e na nossa participação – enquanto nação livre e soberana – nos clubes das democracias, a NATO e a União Europeia, bem como na Assembleia das Nações, a ONU, actualmente presidida por um Português, o Eng. António Guterres.

Também por isso nos orgulhamos de ter como Director do nosso Centro de Estudos Europeus outro Português que durante 10 anos dirigiu a Comissão Europeia — o Dr. José Manuel Durão Barroso.

Por isso também, orgulhamo-nos de ter dedicado ao tema da Aliança Transatlântica vários dos nossos anuais Encontros Internacionais de Estudos Políticos — o famoso Estoril Political Forum, fundado em 1993, no Convento da Arrábida, depois transferido para o Hotel Palácio do Estoril, o hotel dos aliados anglo-americanos durante a II Guerra Mundial.

Em 2004, o título do EPF foi **“Ideas of Europe and the Trans-Atlantic Relationship”**.

Em 2005, **“The Trans-Atlantic Relationship in a Global World”**.

Em 2009, **“NATO, 1949-2009: The Future of the Free World”**.

No ano seguinte, em 2010, recebemos aqui no IEP o então Secretário-geral da NATO, o senhor Anders Fogh Rasmussen.

Em Fevereiro do ano passado, 2019, recebemos a Secretária-geral Adjunta da NATO, a senhora Rose Gottemoeller.

Também no ano passado, em Junho de 2019, voltámos a dedicar o nosso Estoril Political Forum à NATO, sob o título **“The Atlantic Alliance: 75 Years After D-Day; 70 Years After the Founding of NATO; 30 Years After Tienanmen; 30 Years After the Fall of the Berlin Wall”**. Tivemos aliás o privilégio de ter connosco no Estoril o bisneto de Sir Winston Churchill, Randolph Churchill, que connosco quis comemorar os 70 anos da NATO.

Mas a cereja no topo do bolo — se me é permitida a expressão — terá sido a simplesmente surpreendente — e simplesmente inspiradora — conferência sobre os 70 anos da NATO que tivemos aqui no IEP, a 27 de Fevereiro deste ano, em associação com a Comissão Portuguesa do Atlântico, então ainda presidida pelo nosso querido Amigo, entretanto precocemente falecido, Deputado Júlio Miranda Calha.

Sob a égide do Presidente da República, três antigos Ministros dos Negócios Estrangeiros (Rui Machete, do PSD, Luís Amado, do PS, e Paulo Portas, do CDS) reafirmaram sem equívocos o compromisso Atlantista de Portugal, que seria em seguida vigorosamente sublinhado pelo actual MNE, Augusto Santos Silva.

No encerramento da conferência, o Presidente Marcelo Rebelo de Sousa recordou eloquentemente a referência demo-liberal que a NATO sempre constituiu entre nós — mesmo nos anos da ditadura, antes do 25 de Abril, em que simbolizou a esperança de uma transição civilizada para a democracia liberal; tal como durante o PREC, em que efectivamente voltou a simbolizar e de facto inspirou uma transição civilizada para a democracia liberal, concretizada pelo 25 de Novembro de 1975.

Difícilmente pode ser exagerado o alcance desta convergência, sob a égide do Presidente da República, entre responsáveis dos nossos três históricos partidos democráticos, sobretudo quando um deles está no Governo e os outros dois na Oposição. Numa época de deprimente crescimento dos tribalismos da esquerda e da direita, a conferência na Universidade Católica recordou alguns pressupostos fundamentais da democracia liberal ou constitucional.

A questão central sobre a NATO, como foi vigorosamente recordado na conferência na Universidade Católica, é que ela sustenta e exprime a aliança das democracias liberais que definem o Ocidente. Estes são valores perenes que não dependem de quem dirige temporariamente cada uma das democracias ocidentais. Seria muito desajustado, por exemplo, confundir o legítimo desconforto com o Presidente Trump com o afastamento da crucial aliança euro-americana. Tal como seria muito desajustado confundir o democrático voto britânico pelo Brexit com o afastamento estratégico entre a UE e o Reino Unido.

Winston Churchill sublinhou repetidamente a importância crucial de manter a unidade entre as democracias ocidentais. No discurso que inspirou a criação da NATO e em que pela primeira vez denunciou a “Cortina de

Ferro” soviética (proferido no Westminster College, em Fulton, Missouri, em 5 de Março de 1946, quando já era apenas líder da Leal Oposição, embora estivesse ladeado pelo Presidente Truman), Churchill sublinhou:

“Se as democracias ocidentais agirem em conjunto em estrita aderência aos princípios da Carta das Nações Unidas, a sua influência será imensa e ninguém ousará molestá-las. Se, pelo contrário, as democracias se deixarem dividir e ou se fraquejarem no cumprimento do seu dever e se estes anos cruciais forem desperdiçados, então de facto uma catástrofe pode cair sobre nós”.

Cinquenta anos depois, em 1996, no mesmo Westminster College de Fulton, a também ex-Primeira-Ministra britânica Margaret Thatcher reafirmou a mesma preocupação com a unidade do Ocidente:

“O Ocidente não é apenas uma construção da guerra fria, destituída de significado no nosso mundo actual, mais livre e mais fluído. O Ocidente assenta em distintivos valores e virtudes, ideias e ideais, e sobretudo sobre uma comum experiência de liberdade ordeira [...] Para defender e sustentar estes valores, a relação política atlântica deve ser constantemente alimentada e renovada.”

Vale a pena recordar aliás que Winston Churchill teve um papel crucial no processo que conduziu à criação da NATO, bem como à criação da Comunidade Europeia. A 5 de Junho de 1946 — há precisamente 74 anos — depois de ter vencido a guerra em Maio de 1945 e perdido as eleições em Julho do mesmo ano, Churchill opôs-se no Parlamento britânico aos que queriam “castigar” a Alemanha:

“Crimes indescritíveis foram cometidos pela Alemanha sob o regime nazi. A justiça deve seguir o seu caminho, os culpados devem ser punidos, mas logo que isto tenha terminado — e espero que termine em breve — eu retomarei a declaração de Edmund Burke: “não posso culpar todo um povo.

“[...] Devemos proclamar sem reservas: Deixemos a Alemanha viver. Deixemos a Áustria e a Hungria serem livres. Deixemos a Itália retomar o seu lugar no sistema europeu. Deixemos que a Europa se erga de novo em glória, e que pela sua força e unidade possa garantir a paz no mundo.”

Na Universidade de Zurique, a 19 de Setembro desse mesmo ano de 1946, Churchill foi ao ponto de sugerir “uma espécie de Estados-Unidos da

Europa” (ainda que o Reino Unido, sendo apoiante e promotor, devesse em seu entender apoiar sem fazer parte):

“Vou agora dizer algo que vos vai surpreender. O primeiro passo na re-constituição da família europeia terá de ser uma parceria entre a França e a Alemanha. Apenas desta forma pode a França retomar a liderança espiritual da Europa. Não pode haver renascimento da Europa sem uma França espiritualmente grande e sem uma Alemanha espiritualmente grande.”

Por outras palavras, aqui no IEP-UCP celebramos a fundação da NATO da mesma forma que celebramos a fundação da Comunidade Europeia — pela simples razão de que celebramos a tradição democrática e liberal cujas raízes assentam na civilização europeia e ocidental.

Gostaria agora de terminar com votos de bom trabalho nesta Cimeira das Democracias. E votos também de que, como costumamos dizer, “enjoy the day” com o IEP e a Universidade Católica.

Muito obrigado.